

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

**A LITERATURA NA CONSTITUIÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO
BRASILEIRO¹**
**LITERATURE IN THE FORMATION OF BRAZILIAN GEOGRAPHIC
THINKING**

Rudião Rafael Wisniewski², Alana Rigo Deon³, Carina Copatti⁴

¹ Pesquisa institucional desenvolvida no Doutorado em Educação nas Ciências, vinculado ao Departamento de Humanidades e Educação, pertencente ao Grupo de Pesquisa em Ensino e Metodologia em Geografia e Ciências Sociais, Ensino e Cidadania

² Doutor em Educação nas Ciências pela Unijuí

³ Aluna do Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí

⁴ Doutora em Educação nas Ciências pela Unijuí

Resumo: A aproximação entre Literatura e Geografia, apesar de evidente, é pouco estudada. Este texto objetiva analisar como a dimensão territorial aparece em textos literários brasileiros e ajuda a construir a ideia de geografia da nação, isto é, o pensamento geográfico brasileiro. Por meio de pesquisa bibliográfica, os estudos apresentados relacionam os conhecimentos das duas áreas e apontam para a capacidade de compreensão e aprendizagem de conceitos da Geografia contando com a produção artística dos autores da literatura nacional. Ainda, demonstra como, antes da constituição da Geografia como ciência, a descrição espacial desses autores desempenhou o papel de criar uma noção da paisagem brasileira. Como abordagem alternativa às aulas de Geografia, o trabalho com o texto literário tem a capacidade de fazer refletir, criar empatia, desenvolver conhecimento e aprimorar o pensamento geográfico brasileiro.

Abstract: The approach between Literature and Geography, although evident, is little studied. This text aims at analyzing how the territorial view is shown in Brazilian literary texts and how it helps to build the nation's idea of geography, meaning the Brazilian geographic thinking. Through bibliographic research, the studies compared the knowledge of the two areas and point to the ability to understand and learn concepts from the Geography taking to account the artistic creation of the national literature writers. Besides, this research presents how, before the constitution of Geography as a science, the spatial description of that writers played the role of creating a notion about Brazilian scenery. As an alternative approach to Geography classes, working with literary texts has the ability of making reflect, establishing empathy, developing knowledge and improving Brazilian geographic thinking.

Palavras-chave: Pensamento geográfico. Literatura. Brasil.

Keywords: Geographic thinking. Literature. Brazil.

1 INTRODUÇÃO

“A arte literária pode ser instrumento de interpretação do mundo”

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

(MONTEIRO, 2002).

O presente trabalho tem por objetivo tecer laços entre a literatura, ou mais especificamente os textos literários, e a sua influência na constituição do pensamento geográfico brasileiro. Ainda, apresenta como questão central: de que modo geografia e literatura aproximam-se no contexto de construção do pensamento geográfico brasileiro?

As reflexões propostas são frutos de diálogos estabelecidos entre pesquisadores da Literatura e da Geografia que buscam encontrar convergências entre ambas as ciências. Para isso, partimos do processo de sistematização e constituição da Geografia no contexto brasileiro, o qual, por muito tempo, teve influência do pensamento francês. A geografia ensinada nas escolas brasileiras, desde o período colonial provinha da contribuição de cronistas coloniais que produziam ensaios literários sobre temas diversos, sendo que alguns tratavam de temas ligados à geografia, contudo, sem pretensões científicas (SOUZA; PEZZATO, 2009).

No contexto mundial, a geografia como ciência se constitui apenas no século XIX, na Alemanha, ou seja, tem seus conhecimentos sistematizados em um momento no qual os inúmeros campos científicos estavam definindo seus objetos de estudo. Até então, não existiam conhecimentos científicos sobre a Geografia, mas sim, um amontoado de “saberes geográficos desprovidos de sistematização e organização metodológica produzidos pelos seres humanos desde a pré-história [...]” (COSTA; ROCHA, 2010, p. 26).

Esses saberes geográficos provinham de muitas contribuições advindas principalmente de cronistas, retratistas, romancistas, bem como viajantes e naturalistas que, desde os primórdios da colonização do Brasil (séc. XVI) procuraram conhecer o território, descrevê-lo, contribuindo para que diferentes áreas do conhecimento constituíssem conhecimentos sobre o espaço geográfico nacional (COPATTI, 2019). Conforme Amorim Filho (2008, p. 108-109), tais conhecimentos eram sistematizados em inúmeros formatos, que iam desde “narrações orais, relatórios, escritos, diários, croquis e outros desenhos, fotografias”, e serviram como principal fonte do conhecimento geográfico propagados nos livros e ensinados nas escolas, servindo de base para dois grandes conjuntos de textos literários, como mostra o Quadro 1:

Quadro 1: Diferentes textos literários ao longo do tempo:

1. Um conjunto mais numeroso de obras, em que o romanesco é a finalidade maior, embora se utilize das descrições geográficas de itinerários, regiões, lugares e paisagens como contextos ou cenários indispensáveis para seus enredos;
2. Um outro conjunto de trabalhos, para os quais os itinerários, regiões, lugares e paisagens são os próprios objetivos, caracterizando-se como estudos mais científicos e geográficos.

Fonte: Amorim Filho (2008). Organizado pelos autores.

Nesse sentido, percebemos que grande parte do conhecimento geográfico foi pautado nos textos literários que faziam descrições de lugares, paisagens e regiões, formas de vida e costumes de distintos povos, frutos de viagens e expedições, e eram retratados em romances, contos, poesias e crônicas. Esses textos contribuíram sobremaneira à constituição de modos de pensar e de compreender distintos lugares, a respeito do mundo e até mesmo ao pensar o espaço nacional, desde o início da formação do país, enquanto Estado-Nação.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Assim, tecer relações entre geografia e literatura contribui para pensarmos os avanços que permitiram aprimorar o pensamento geográfico a partir da dimensão territorial. Nesse sentido, o presente texto, de cunho qualitativo e bibliográfico, busca nas fontes da história do pensamento geográfico, e na própria literatura, a relação existente entre ambos. Para desdobrar as relações propostas, num primeiro momento, abordam-se aspectos sobre a presença da geografia na literatura ao longo do tempo, e, num segundo momento, aproximações entre literatura e geografia contribuindo à constituição do pensamento geográfico brasileiro. Para tanto, faz-se um percurso da literatura brasileira e suas principais obras com o intuito de conhecer a geografia nelas contidas.

2 A GEOGRAFIA NA LITERATURA BRASILEIRA

Os textos narrativos possuem como principal característica a determinação do tempo e do espaço do enredo. Portanto, além dos personagens, a narrativa precisa conter a marcação temporal, mesmo que o tempo seja psicológico, não cronológico. Ainda, há que se descrever o local onde se desenvolve a trama. Este pode ser físico, psicológico ou social. Físico é o lugar em si, psicológico é o espaço interno dos personagens e social é o ambiente onde normalmente figuram as personagens secundárias que ajudam a construir o cenário da narrativa.

Nos gêneros literários cujo tipo textual prevalece o narrativo, tais como contos, crônicas, romances, a necessidade de caracterização espacial criou uma inevitável aproximação com a geografia. Na verdade, antes da organização desta como ciência, as descrições dos locais feitas por autores da literatura brasileira muito contribuíram para a construção da identidade histórico-geográfica nacional.

Cada autor que descrevia seu lugar, sua região, fazia o registro do espaço físico e, por conseguinte, este passava a ser conhecido por seus leitores, onde quer que estivessem lendo o texto literário. Embora a descrição fosse subjetiva, representando a forma de ver a realidade influenciada pela sociedade e a época de cada escritor, sua obra depõe sobre os ambientes onde cada um vivia e os lugares que conhecia. Mesmo não havendo a necessidade de ser fiel em tal descrição, a grande maioria dos autores brasileiros se valia das paisagens reais para construir o cenário onde as ações dos personagens se desenvolviam.

No início do que se convencionou chamar de literatura brasileira, o período conhecido como Quinhentismo, prevalecia a literatura de viagens, sendo relatos das expedições realizadas pelos europeus em terras tupiniquins, se caracterizando como um tipo de crônica histórica - apenas muito recentemente é que se tem conhecimento da literatura indígena, ou seja, produzida pelos nativos brasileiros, as quais podem ser expressão da literatura brasileira anterior ao século XVI e ao "descobrimento". A Carta de Pero Vaz de Caminha é um exemplo de literatura de viagens quinhentista:

[...] Neste mesmo dia, à hora de vésperas, avistamos terra! Primeiramente um grande monte, muito alto e redondo; depois, outras serras mais baixas, da parte sul em relação ao monte e, mais, terra chã. Com grandes arvoredos. Ao monte alto o Capitão deu o nome de Monte Pascoal; e à terra, Terra de Vera Cruz (CASTRO, 1996, p. 77).

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Nos idos de 1500, juntamente com os textos que informavam a corte portuguesa sobre as viagens, havia também a literatura de catequese, ou seja, os textos escritos pelos jesuítas, com o intuito de converter os indígenas ao cristianismo. Tais textos se valiam de mitos e gêneros populares entre os povos nativos para conseguir cumprir seu objetivo de convertê-los. Dramaturgia, cantos, diálogos e narrativas eram os principais representantes dessa expressão literária. As peças de teatro e poemas líricos de José de Anchieta são os principais representantes da literatura de catequese.

No período do Brasil colonial não há uma contínua produção dos autores, nem publicação e circulação, nem público que lesse regularmente por todo o território nacional. Apenas nos grandes centros urbanos as pessoas tinham acesso aos textos. Assim ocorreu no Quinhentismo e também no Barroco brasileiro, cujas principais expressões são os sermões do Padre Vieira e a poesia de Gregório de Matos. Ambos são baianos, pois a capital do Brasil durante o Barroco era Salvador – desde 1549 a 1763 –, concentrando a economia e os principais escritores e artistas.

O movimento literário que sucede o Barroco é o Arcadismo. A febre do ouro em Minas Gerais deslocou o centro econômico e cultural do Nordeste para o Sudeste, no século XVIII. O Arcadismo brasileiro passa a ter textos literários com maior circulação por possuírem uma escrita mais simples, o que contribuiu para que tal expressão literária tivesse maior número de leitores, alcançando o interior. Tomás Antônio Gonzaga, com Marília de Dirceu, foi um dos grandes responsáveis por tal difusão. Inclusive, os temas desse período literário remetem a paisagens pastoris, espaço alegre, acolhedor, a vida rural e sua tranquilidade. A geografia na literatura arcadista foi uma verdadeira fuga da cidade para a ambientação na natureza e no campo.

Dois poemas épicos também são marco da literatura e contribuíram para a construção de um pensamento espacial: O Uruguai, de Basílio da Gama e Caramuru, de José de Santa Rita Durão; iniciando a ideia de índios valorosos e natureza exuberante como riqueza do Brasil. No Canto IV da narrativa da luta nas missões dos Sete Povos – Uruguai – entre os indígenas e o exército de portugueses e espanhóis, pode-se ter uma ideia da descrição mencionada:

Este lugar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindoia.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores [...] (GAMA, 1998, p. 81).

A fuga da corte para o Brasil, no início do século XIX, e as ideias vindas da Europa, do movimento literário romântico, estimulam a formação da nação brasileira e a definição de símbolos nacionais. A essência da nacionalidade só poderia ser o nativo, o indígena e a natureza do Novo Mundo. Gonçalves Dias é considerado o principal poeta indianista e José de Alencar, o principal romancista dedicado ao tema. Em sua terceira geração, em meados do século XIX, os poetas do Romantismo preocuparam-se com o sistema escravagista e clamaram por liberdade, tendo como expoente Castro Alves, o “poeta dos escravos”. Tais poetas colaboraram para a construção de uma visão histórico-social e espacial de sua época, mas foram os romancistas românticos que conseguiram captar com precisão de detalhes as paisagens de seu tempo.

Copiando a estrutura dos folhetins europeus, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

instituem no Brasil o romance urbano ou de costumes, relatando a vida na corte e os hábitos burgueses do Rio de Janeiro, capital do Império. Como o número de analfabetos era grande na época, os folhetins eram lidos e suas histórias espalhadas oralmente. Para conquistar ainda mais a elite, a realidade se entrelaça com a ficção, tendo personagens passeando por locais públicos familiares aos leitores da corte. Os principais romances são: Cinco minutos (1856), A viuvinha (1857), Lucíola (1862), Diva (1864) e Senhora (1875), escritos por José de Alencar. Em A viuvinha, o autor (1993, p. 51) escreve: “Se passasse há dez anos pela praia da Glória, minha prima, antes que as novas ruas que abriram tivessem dado um ar de cidade às lindas encostas do morro de Santa Teresa, veria de longe sorrir-lhe uma casinha de quatro janelas com um pequeno jardim na frente.”

José de Alencar ainda inaugura o romance indianista com O guarani (1857), tendo o “índio” Peri como o herói brasileiro. A lenda da fundação do Ceará e, por analogia do povo brasileiro, devido ao relacionamento entre o colonizador português Martim e a jovem tabajara Iracema, é relatada no livro de Alencar que possui o nome da indígena.

Sendo assim, o Romantismo brasileiro apresentou questões importantes para tecer um pensamento espacial da capital, juntamente com as questões sociais e ufanistas relacionadas ao negro e ao indígena. Porém, o romance regionalista ampliou muito as paisagens descritas nas narrativas, por desviar o foco dos anteriores, como em Inocência, de Visconde de Taunay, com o patriarcado do interior. O regionalismo ainda objetiva divulgar aspectos locais das pessoas e dos costumes do meio rural, do sertanejo, do homem trabalhador como símbolo nacional, diferentemente dos indianistas que tinham o nativo como herói. José de Alencar também aí empenhou-se para descrever diferentes regiões do Brasil em O tronco do Ipê (1871), Til (1872), O sertanejo (1875) e O gaúcho (1870). Neste último pode-se ler:

Até a árvore solitária que se ergue no meio dos pampas é tipo dessas virtudes. Seu aspecto tem o que quer que seja de arrojado e destemido; naquele tronco derreado, naqueles galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, há uma atitude atlética. Logo se conhece que a árvore já lutou com o pampeiro e o venceu. Uma terra seca e poucos orvalhos bastam à sua nutrição. A árvore é sóbria e feita às inclemências do sol abrasador. Veio de longe a semente; trouxe-a o tufão nas asas e atirou-a, onde medrou (ALENCAR, 1999, p. 16).

Elementos geográficos como os apresentados por Alencar em seus romances contribuíram em grande escala para a construção da dimensão espacial dos que tinham acesso à escolaridade, a elite, que eram os mesmos que tinham amplo acesso à literatura. A classe trabalhadora tinha conhecimento de alguns textos literários via oralidade. O que fica evidente é que sendo a elite dominante econômica e culturalmente, e não sendo ainda a geografia uma ciência com o prestígio que atualmente possui, a noção da dimensão espacial da época era muito influenciada pelos textos literários alencarianos, que descreviam desde o Ceará de Iracema até o pampa gaúcho; desde o espaço e a vida da elite carioca, com mulheres fortes, a exemplo de Senhora, até o sertão nordestino como em O sertanejo.

Uma crise econômica e política atinge o Brasil na segunda metade do século XIX, devido ao fim do regime escravocrata, à decadência da economia açucareira, ao envolvimento na Guerra do Paraguai, entre outras razões. As revoluções científica e industrial, e por conseguinte, a cultural,

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

iniciadas na Europa, chegam ao Brasil; ainda, o aumento expressivo da classe média, demandaram intérpretes literários mais condizentes com a realidade da época. Machado de Assis é o romancista que melhor analisa e faz pensar a sociedade do Segundo Império, por meio do Realismo de sua arte. O autor descreve os espaços físicos e psicológicos dos personagens, como no início de Dom Casmurro:

A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. [...] O mais é também análogo e parecido. Tenho chacinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa (ASSIS, 1997, p. 14).

Também como contista Machado de Assis foi primoroso. As narrativas curtas se popularizaram por realizarem o exercício crítico com economia de tempo de leitura. Mais inspirado nas descobertas científicas, o Naturalismo explorava a natureza humana comparada à animal. Aluísio de Azevedo, com a publicação de O mulato (1881) inicia esse movimento que se popularizou devido aos enredos cheios de intrigas amorosas, aventuras e problemas cotidianos dos menos favorecidos. Demonstrando a influência do meio, do espaço exterior na vida das pessoas, o autor transforma o lugar, o cenário, em um personagem vivo que recebe o título do livro mais representativo do Naturalismo brasileiro: O cortiço.

Raul Pompeia também exalta um lugar, O Ateneu (livro publicado em 1888), colégio que serve de metáfora para a sociedade, onde o dinheiro define o valor e o prestígio dos alunos, e assim, como eles são tratados. O Realismo-Naturalismo e sua crítica social e espacial próximas da vida da classe média conquistou muitos leitores, ampliando os conhecimentos histórico-sociais e geográficos da população brasileira.

Andrade (1992) salienta que entre o final do século XIX e início do século XX surgiram ensaios que, de certa forma anteciparam a formação da Geografia sistematizada. Dentre as obras literárias menciona Os Sertões, de Euclides da Cunha, e Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil, de Capistrano de Abreu.

No contexto dos séculos XIX e XX, tendo a geografia seus primeiros avanços científicos, os textos literários expressaram diversos aspectos que trazem conhecimentos de territórios nacionais, de lugares, de situações de vida que fazem parte do cotidiano de distintos grupos no país.

3 A LITERATURA NA CONSTITUIÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO

A aproximação entre literatura e geografia tem início especificamente na Grécia Antiga, época em que os saberes geográficos desprovidos de organização e sistematização serviram como cenário para o desenvolvimento de obras literárias. Essas obras pautadas nos conhecimentos dos viajantes e exploradores que observavam e descreviam a sociedade, seus modos de vida, as características socioculturais, econômicas e históricas, as paisagens, os lugares e o seu fundo natural, como:

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

clima, topografia, flora, fauna, entre outros, e serviam para a escrita de romances que, muitas vezes, difundiam valores morais e estéticos para a educação dos cidadãos (AMORIM FILHO, 2008).

No que tange às contribuições da literatura ao ensino escolar da geografia, Souza e Pezzato (2009) afirmam que essa aproximação inicia com a vinda dos jesuítas ao Brasil, tendo como um dos objetivos a educação dos colonos e indígenas. Nesse período, as contribuições de ordem geográfica expressas nos livros didáticos provinham de textos literários de origem francesa, que traziam descrições de paisagens e regiões da França. Por isso, por muito tempo, os conhecimentos ensinados nas escolas brasileiras sobre Geografia, não provinham do seu país.

Com o fim da Idade Média e início da Modernidade, e com o período das grandes navegações, ampliam-se exponencialmente as explorações inter e intracontinentais, pautadas principalmente nos conhecimentos da cartografia (desenvolvimento de mapas, rotas marítimas, conhecimentos dos ventos...). Nesse período, as novas descobertas estavam calcadas em inúmeras finalidades, que iam desde a exploração, domínio e colonização de novos territórios, bem como a civilização dos povos originários e à imposição da religiosidade cristã.

Nesse contexto, diversos pensadores da época contribuíram para difundir saberes de cunho geográfico, enquanto desenvolviam estudos sob distintos temas. A literatura, então, além de avançar como forma de arte, também possibilitou que fossem disseminados conhecimentos de diversas áreas. No caso dos saberes geográficos da época, esses possibilitaram gradativamente, ampliar o conhecimento sobre os diferentes territórios e neles intervir de acordo com as intencionalidades pré-concebidas.

Apenas no século XIX avanços maiores foram possíveis com as expedições de reconhecimento do mundo, as quais, segundo Amorim Filho (2008), estiveram pautadas principalmente em técnicas diversas. Muitas dessas expedições eram financiadas pelas sociedades geográficas e passaram a ter um caráter científico. Nesse cenário, a geografia “atinge o status de disciplina acadêmica, status este que, a partir da Europa, se generaliza rapidamente por quase todo o mundo.” (AMORIM FILHO, 2008, p. 110).

No contexto brasileiro, os textos literários trouxeram contribuições para expandir conhecimentos da literatura e, com ela, da geografia nacional. De acordo com Copatti (2019), a geografia no Brasil teve forte cunho empirista e descritivo, influenciado por diversos grupos que, por finalidades próprias ou do governo imperial, foram conhecendo e desbravando o território brasileiro. Os serviços de inspetoria, a elaboração de traçado de marcos geodésicos e a colocação de postes de instalações telegráficas, também expandiram esse processo, ampliado, posteriormente, com a multiplicação de periódicos e com as instituições estatístico-geográficas e históricas.

Teve influência, também, de muitos geógrafos brasileiros formados no exterior que já publicavam escritos de cunho científico, mesmo não existindo uma Geografia sistematizada no país. Destacaram-se: José M. Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, Raimundo Lopes, Agamenon Magalhães, Mário Augusto T. de Freitas, além de Backauser e Delgado de Carvalho. A partir da década de 1930, há, também, importantes aportes oriundos de não geógrafos, como Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Gilberto Freyre, que contribuíram com seus escritos no intuito de conhecer o território de modo mais aprofundado (ANDRADE, 1992; MOREIRA, 2014).

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

A partir da década de 1930, além de serem criados os primeiros cursos de Geografia nas universidades, várias pesquisas foram desenvolvidas, tanto nas universidades quanto pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pela Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), sob influência de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Alguns geógrafos estrangeiros (principalmente franceses) viveram no Brasil e publicaram diversas obras, contribuindo para a ampliação do conhecimento geográfico no país. Nesse sentido, Copatti (2019, p. 61), considera que:

A produção intelectual no Brasil expandiu-se com a consolidação de uma comunidade geográfica local, cuja atuação nas universidades brasileiras tornou possível formar os professores que faltavam às escolas, além de produzir pesquisa científica. Destacaram-se os estudos monográficos sobre o território brasileiro voltados ou para o espaço rural ou para o espaço urbano, além de outras pesquisas nas diferentes subáreas da Geografia física e humana. Estes modelos contribuíram para a construção do conhecimento nessa área que, no Brasil, surgiu já como Geografia Moderna. Esse período perpassa, inicialmente, os precursores da Geografia científica, dos geógrafos chamados “clássicos” e a dos geógrafos “modernos”; esta última, mais recente, ocorreu na fase de maior produção da Geografia.

Além da dinâmica do desenvolvimento da geografia brasileira no contexto acadêmico, manteve-se na literatura nacional, uma contribuição expressiva para pensar a dimensão espacial atrelada à nova fase econômica, política, social e cultural que o país vive. Obras literárias como: O Quinze (1930), da cearense Rachel de Queiroz, Casa-grande e senzala (1933), do pernambucano Gilberto Freyre, Banguê (1934), do paraibano José Lins do Rego, Caminhos Cruzados (1935), do gaúcho Érico Veríssimo, Capitães da Areia (1937), do baiano Jorge Amado e Vidas Secas (1938), do alagoano Graciliano Ramos, colaboraram sobremaneira para isso. Assim a literatura contribuiu sobremaneira para a construção da Geografia Brasileira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo estudado a geografia na literatura, a constituição daquela como ciência e a relevância desta como formadora do pensamento geográfico, é possível concluir que por muito tempo os conhecimentos a respeito do cenário, da paisagem, do território nacional, chegavam aos colégios apenas de forma esparsa, como parte dos estudos de literatura.

Tendo os textos literários desempenhado tão importante papel, justifica-se e recomenda-se sua utilização em aulas de Geografia. Amorim Filho (2008), considera que a contribuição de abordagens alternativas,

[...] de que fazem parte os estudos das percepções, cognições e representações do ambiente geográfico e de seus “lugares e paisagens valorizados”, agrupados sob a denominação geral de “geografias humanísticas ou humanistas”, com bases epistemológicas mais flexíveis, procuradas nas filosofias fenomenológicas e existencialistas. Para os estudiosos da história do pensamento geográfico, apesar de preservarem suas especificidades, essas abordagens humanistas acabaram por se aproximar, naturalmente, da nova geografia cultural.

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

Para o autor (2008), as viagens, explorações e aventuras, independentemente ou não de finalidades científico-geográficas, respondem a algumas necessidades naturais do ser humano como a curiosidade, o espírito de aventura e o gosto pelo enfrentamento de riscos. Além destas, a criatividade e desenvolvimento da imaginação pela descrição são características dos textos literários. Geografia e Literatura são, portanto, duas áreas que precisam ser mais estudadas e ter sua aproximação estimulada para continuar contribuindo na construção do pensamento geográfico e compreensão destes e outros conceitos desta área e da Literatura.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. A viuvinha. In: Cinco minutos/A viuvinha. 17. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- ALENCAR, José de. O gaúcho. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Literatura de explorações e aventuras: as “viagens extraordinárias” de Júlio Verne. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, 20 (2): 107-119, dez. 2008.
- ANCHIETA, José de. Auto representado na festa de São Lourenço. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000272.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- ANDRADE, Manoel Correia de. Geografia ciência da sociedade. Uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Editora Atlas, 1992.
- ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. 32. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- COPATTI, Carina. Pensamento pedagógico geográfico e autonomia docente na relação com o livro didático: percursos para a educação geográfica. Tese (Doutorado em Educação nas Ciências). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI. Ijuí, 2019.
- CASTRO, Sílvio. A Carta de Pero Vaz de Caminha: introdução atualizada e notas. Porto Alegre: L&PM, 1996.
- COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. Geografia: Conceitos e Paradigmas - Apontamentos Preliminares. *Rev. GEOMAE*. Campo Mourão, PR, v.1, n.2, p. 25-56, 2. sem, 2010.
- GAMA, Basílio da. O Uruguai. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: UFSC, 2002.
- MOREIRA, Ruy. O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes de renovação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- SOUZA, Thiago Tavares de; PEZZATO, João Pedro. Educação, Geografia e Escola: Geografia Escolar e as Influências Pedagógicas Institucionais até a Década de 1960. Disponível em: <https://enhpjii.files.wordpress.com/2009/10/thiago-tavares-de-souza-e-jo1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.